

Cartas de

QUEM PASSOU POR AQUI

Júlia Dias
Celina Modena
Virgínia Schall



CPqRR/FIOCRUZ

D541c
2008

DIAS, Júlia.

Cartas de quem passou por aqui / Júlia Dias; Celina Modena; Virgínia Schall. – Belo Horizonte: CPqRR, 2008.

28 p. : il. ; 180 x 260 mm.

ISBN: 978-85-99016-07-7

1. Neoplasias/psicologia 2. Serviço de Saúde da Criança/utilização 3. Humanização da Assistência 4. Educação em Saúde/normas I. Título. II. Dias, Júlia. III. Modena, Celina. IV. Schall, Virgínia V. Laboratório de Educação em Saúde.

CDD – 22. ed. – 618.929 94

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Paulo Marchiori Buss
Presidente

Instituto René Rachou
Alvaro José Romanha
Diretor

Laboratório de Educação em Saúde
Virgínia Schall

Projeto Gráfico e Ilustrações
Carlos Jorge

Contato: labes@cpqrr.fiocruz.br

Belo Horizonte
2008

Esse livro é um compromisso com a vida, é fruto de um trabalho com crianças, seus acompanhantes, cuidadores e profissionais de saúde, quando aprendemos a compreender mais desafios que as doenças nos impõem e a descobrir forças e alegria no enfrentamento diário das dificuldades, muita esperança pela superação, choro e luto pelas perdas inevitáveis e mais que tudo, fé e amor, um amor incomensurável que banha a todos nas casas de apoio.

Algumas cartas e os personagens são verdadeiras, outros, fictícios, mas, inspirados na convivência durante 10 meses, a qual permitiu desenvolver um trabalho de pesquisa e em consequência dele, este livro, entremeado de vivência, sonho e confiança na evolução do conhecimento científico que trará a cada dia melhor qualidade de vida e futuro para todos.



Virgínia Schall

Laboratório de Educação em Saúde
Centro de Pesquisas René Rachou - CPqRR
Fundação Oswaldo Cruz - MG
<http://www.cpqrr.fiocruz.br/labes>

Araçuaí, 23 de abril de 2007

Querido Lucas,

Quando cheguei aqui ontem, fiquei feliz ao encontrar todo mundo. Foram tantos abraços, presentes, até o jogo que eu mais queria eles me deram. Precisava ver a festa, até arroz com pequi e bolo de tapioca tinha. Nossa, tava bom demais! Se pudesse, mandava um pouco pela carta.

Mas, ao entrar no meu quarto, bateu uma saudade enorme de você e de todos aí da casa de apoio. Fiquei lembrando das nossas tardes no pátio, das brincadeiras, dos desenhos, das histórias que a gente lia. Puxa, nem posso escrever que já começo a chorar...

Estão aqui comigo todos os nossos desenhos, vou prender em um painel na parede do meu quarto.

Agora, estou lembrando de quando estava saindo aqui de Araçuaí pela primeira vez para ir a Belo Horizonte. Era tanta novidade! Eu sabia que estava doente e precisava de um tratamento. E só era possível em Belo Horizonte.

Minha mãe já tinha me levado aos médicos daqui, eu havia feito tantos exames e tomado muitos remédios. Mas até a nossa querida Sá Luiza, uma benzedeira famosa na cidade, falou para a minha mãe que eu precisava ir para Belo Horizonte. Quando a mãe me contou que a gente viajaria no dia seguinte, eu fui para a beira do Rio Araçuaí. Fiquei lá, sozinha, vendo aquele sol bonito, avermelhando o céu ao ir embora e pensei: - eu também vou, mas igual ao sol, que deve estar encontrando outras paisagens bonitas, outras pessoas, eu também vou encontrar. E assim como o sol volta bem brilhante para amanhecer a cidade no dia seguinte, eu também vou voltar.

Ali parada, pensando, nem vi o tempo passar. Começava a anoitecer e a tocha de luz em um pequeno barco, lá no meio do rio, parecia um sinal, algo como uma esperança no meu coração. Eu queria melhorar, parar de emagrecer, sentir dor, tontura, voltar à escola, poder brincar e correr como antes. Aí, mesmo com medo de ir para Belo Horizonte, fiquei mais calma e despedi do rio e da cidade sabendo que ia voltar mais forte.

Para as
crianças da Casa Aura
e da Casa Beatriz Ferraz

Sei que você deve ter guardado a pedra corada que eu levei de Araçuaí e ficava embaixo do meu travesseiro. Toda noite eu rezava com ela apertada na minha mão. Era um pedaço do chão da minha cidade. Deixei com você para que um dia venha me trazer. Aí nós vamos fazer uma festa como fizeram na minha chegada. Sua mãe me prometeu que trará você aqui. E promessa é dívida hem! (Hehehe, tô falando igual a minha vó!)

Vou ficar esperando você e até lá me escreve viu! Enquanto meu cabelo não crescer não irei ao Colégio Nazareth. Só lá é que posso usar o computador para mandar um e-mail. Você sabe, eu sou muito vaidosa e não quero que ninguém me veja careca. Peruca, nem pensar. Não gostei, assim, tenho que esperar. Mas, vou esperar lendo e brincando com os meus primos. Do jeito que a gente fazia aí!

Um grande beijo,

Camila



Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2007

Oi Pai,

Que saudade!!!!

Faltam duas semanas para o Natal e eu e mamãe acabamos de ficar sabendo que não vou poder interromper o tratamento para ir pra casa. Isso quer dizer que vou ter que ficar mais uns dias sem te ver, e que o Natal vai ser bem sem graça, sem as suas piadas e seu abraço.

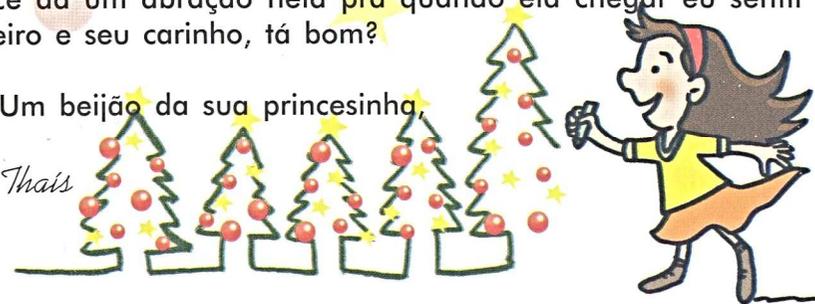
Sabe pai, o mais difícil de estar doente é ficar longe de você... Mamãe até tenta me explicar que agora no fim de ano é que o trabalho dobra aí na fábrica, que tem muita encomenda de sapato e que você não pode deixar Nova Serrana de jeito nenhum. Mas é difícil de acreditar porque os pais das outras crianças aparecem aqui de vez em quando e eles moram tão mais longe...

Sinto falta do seu carinho, do seu sorriso, de você me chamar de "minha princesinha" e do jeito que você tem de fazer tudo ficar bem mesmo quando a situação é ruim. Todos os dias antes de me deitar eu me imagino no seu colo e me lembro das músicas e das histórias que você contava pra mim e rezo para que minha vida seja como estas histórias, que tenha um final feliz e que possamos ficar para sempre juntos.

Mamãe anda chorando muito, e eu nunca sei se é por causa da minha doença ou se é pela falta que ela sente de você. Deve ser as duas coisas... Ela está vendo com a Tia Carmem um jeito de trocar com ela aqui na casa de apoio para poder te ver. Aí, quando a mamãe estiver saindo daí pra ficar comigo de novo você dá um abraço nela pra quando ela chegar eu sentir seu cheiro e seu carinho, tá bom?

Um beijão da sua princesinha

Thais



Tangará da Serra, 07 de fevereiro de 2007

Gil,

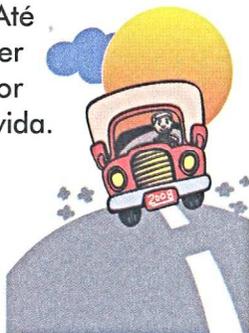
Aqui estou eu em Mato Grosso, mais uma vez carregando soja pra levar pro porto. Os companheiros perguntam por você com carinho, sempre comentando que nunca viram alguém gostar tanto de caminhão. A gente brincava que, em vez de sangue, você tinha era óleo Diesel na veia. Cada vez que pego uma dessas retas sem fim, tendo por companhia só a voz da Roberta Miranda, lembro do tanto que você gosta dessa vida estradeira e rezo, rezo muito pra São Cristóvão proteger seu caminho. Imagino você aí, meu filhote, sem poder correr, sem ver a revoada dos Jaburus, tendo que ficar quietinho com sua mãe. Logo você, que nasceu pra ser cigano igual a seu pai, que dorme cada dia em um lugar, que toma banho em posto de gasolina, que aprendeu a ler e escrever no colo da mãe enquanto a gente rodava até 1000 km num único dia, que aprendeu a distinguir um Mercedes de uma Scania antes mesmo de aprender a falar direito, que faz amizades eternas com pessoas que sabe que talvez nunca mais vai encontrar por esse mundão afora...

Olho para o pôr-do-sol dourado batendo no pára-brisa e me lembro de você dando graças a Deus porque a gente é caminhoneiro e que só caminhoneiro sabe o valor de um bom companheiro de viagem. Pois é, choro muito cada vez que penso que fiquei longe de você no trecho mais difícil que você já enfrentou; mas sua mãe andou me contando do tanto de companheiros de viagem que você já fez por aí. E de você dizendo que é igual na estrada, uns ficam, outros vão, a gente nunca sabe se vai se encontrar de novo...

Filhão, tive notícia de que seu tratamento está indo bem e que em três semanas você deve estar bom. Até lá, a colheita da soja vai ter acabado e eu vou poder estar perto de você pra gente continuar juntos por esse estradão cheio de curvas e surpresas que é a vida.

Fica com Deus,

Falcão



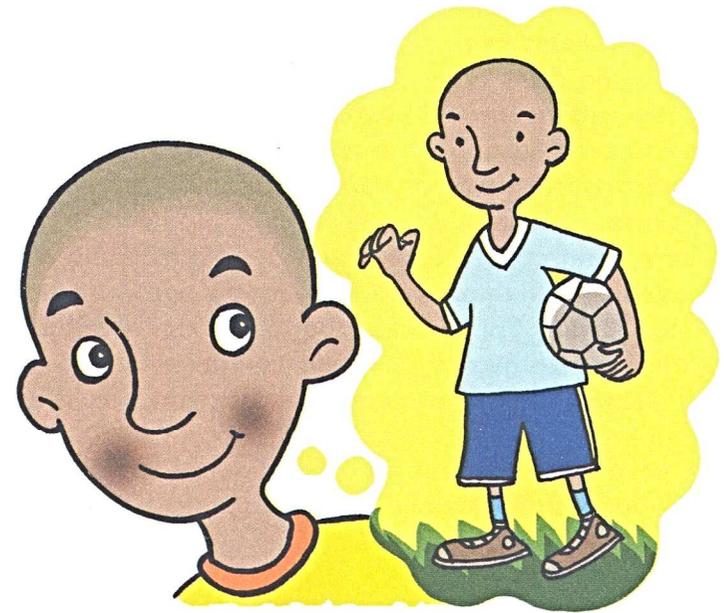
Jampruca, 04 de junho de 2007

Chicão,

Como vão as coisas por aí? Escrevo essa carta porque nosso time perdeu mais uma... Aqueles pernas-de-pau do Recreativo já estão de gozação com a gente só porque tem três jogos que a gente não ganha. Logo eles, que eram "fregueses". Engraçado a falta que você faz: brigava com todo mundo, vivia xingando quem fazia corpo mole, corrigia os piores e não perdíamos uma. Lá de trás, no gol, parecia que você via o jogo igual a um técnico e, o principal: não deixava bola nenhuma entrar! Agora temos o coitado do Nelinho no gol, mas ele é um frangueiro, só sabe choramingar por qualquer coisa e reclamar que ninguém está marcando direito. Espero que você fique bom dessa tal de leucemia logo para poder ajudar a defender a gente aqui pra não ter vexame maior. Ah, outro dia teve até um cara bem-vestido por aqui perguntado por você. Deve ser empresário! Pô, Chicão, quando você ficar bom e for pra Europa e ficar rico, não vai ficar igual a alguns craques por aí, hein? E não se esqueça dos amigos, porque a gente nunca se esquece de você por aqui.

Abração,

Cocada



Belo Horizonte, 28 de maio de 2008

Oi Doutora,

Me lembro que em Novembro de 2005 você investigava em mim uma enfermidade ainda sem nome. Cogitavam-se inúmeras hipóteses e minha cabeça ficou a mil. Imaginava várias doenças, consultava vários outros médicos para tentar entender o que estava acontecendo comigo. Imaginava como preparar meus pais e meus irmãos para o pior pois, como menininha da casa, sabia por antecipação que sofreriam muito mais do que eu.

Estava ansiosa pelos resultados dos exames que seriam dados na primeira semana de Dezembro/2005. Nem dormia mais direito e eram inúmeras noites acordada, escondendo de todos a minha angústia. Até que chegou o dia, fui ao seu consultório para saber o resultado.

Você estava tranqüila e brincalhona como sempre, pegou os exames e quando leu, sua fisionomia mudou por completo. Comecei a ficar tensa, até que quebrei o silêncio da leitura e disse em voz alta: - Doutora é algum tipo de câncer? E você se assustou e disse: - Como você adivinhou? Tinha ido ao seu consultório preparada para o pior, me concentrei, e decidi que se fosse isso mesmo, seria a melhor de todas as pacientes e a mais corajosa de todas. Iria vencer.

Você me disse para ser corajosa a partir daquele momento, e que estaria ao meu lado como médica e amiga. Comecei a chorar como se minhas energias estivessem se acabando, você me abraçou e me pediu para buscar força, pensar que tudo ia dar certo.

Bem, fiz o que você me pediu e hoje trabalho e faço faculdade de psicologia. Sempre que me levanto agradeço por mais um dia de vida e peço por aqueles que me deram a chance de seguir em frente. Penso em você em cada conquista e rezo para que possa continuar ajudando aqueles que passam por situações como a minha.

E para você que também foi diagnosticado com câncer, uma mensagem: Lute e seja o vencedor desta batalha!

Márcia N.

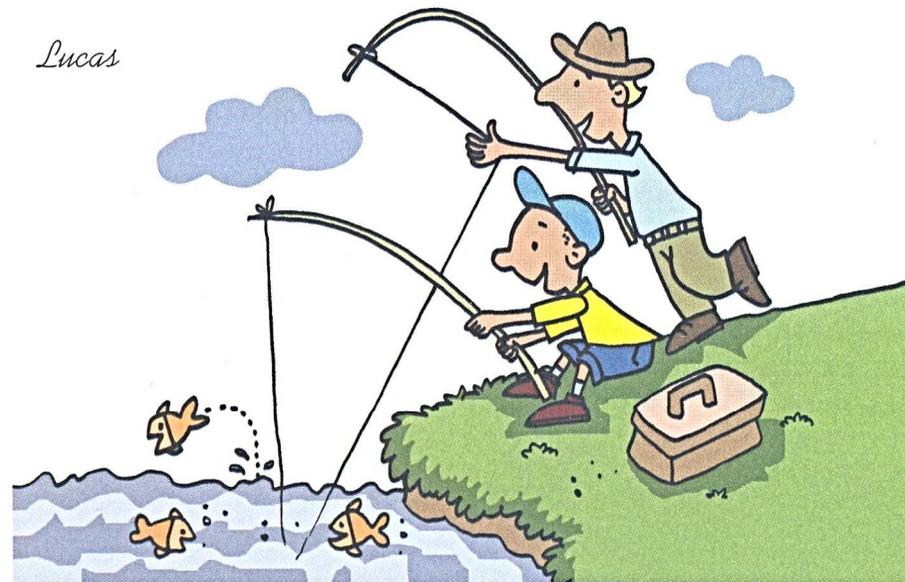
Rio Casca, 25 de abril de 2008

Pai,

Eu e a mamãe acabamos de conversar com o Dr. e tivemos ótimas notícias! Se correr tudo bem, vou poder ir para casa daqui a duas semanas. Você lembra, quando eu tive que vir para Belo Horizonte, que você falou que só voltava pra pescar em Três Marias quando pudesse me levar? Pois é, estou doido para ir com você. Tem aquele molinete especial que você falou que só ia usar para pegar peixe bom. Três Marias é um rio? É maior do que o São Francisco? Olha, outro dia estava vendo televisão aqui na Casa de Apoio e vi uma reportagem sobre o Rio Negro: cada peixão que só vendo! E nem dá pra enxergar a margem do outro lado. Pai, o Rio Negro fica muito longe? Por que você não leva o nosso barco pra lá? Na reportagem falou que chega a dar peixe de 20 kg! É mais do que eu peso! Olha, na próxima vez que a gente for pescar junto, prometo que não vou ficar reclamando que não tem televisão, tá bom? Acho que cansei desse negócio de tanto ficar assistindo aqui.

Beijos,

Lucas



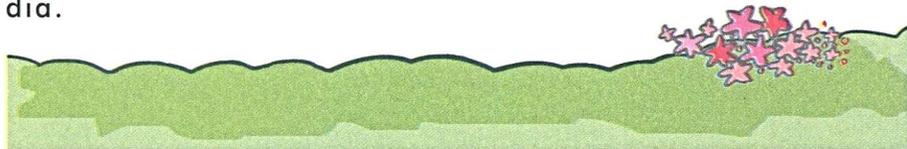
Belo Horizonte, 05 de Junho de 2008

Oi Daniel,

Como você está? Quanto tempo, né?! Não nos falamos desde a sua partida, que me deixou muitas saudades.

Sabe, quando você adoeceu, eu adoeci junto e quando morreu achei que eu morreria também. Durante um bom tempo eu acordei triste, com o coração apertado e sentia pelo fato de não poder fazer uma ligação para o Céu só para saber como você estava. Às vezes, olhava para a porta de casa e sentia que você poderia voltar a qualquer momento. O tempo foi passando e você não voltou! Já se passaram muitos anos, e neste tempo, aprendi a deixar partir os momentos difíceis, de dor e a minha culpa por não ter conseguido cuidar melhor de você. Em sonhos te pedi desculpas, pois sempre achei que eu não deveria ter me afastado de você nem um minuto enquanto você estava doente. Mas, simplesmente, em muitos momentos eu não dei conta. Sentia uma dor no coração ao ver o seu corpo cada dia mais frágil e me afastava. Nestas horas, eu chorava baixinho e rezava, pedia a Deus que fizesse o melhor por você e tenho certeza que ELE ouviu os meus pedidos, pois esteja você onde estiver sei que está bem.

Um dia desses li que saudades é quando o momento tenta fugir da lembrança e não consegue. Felizmente, são muitos os momentos que vivi com você e que quando me vêm à lembrança me trazem saudades. Saudades de te ver jogar Capoeira, de ter que dividir com você o prato de brigadeiro, das nossas risadas quando você contava uma piada engraçada, dos dias em que eu ia sair e te perguntava se eu estava bonita, de te ouvir tocar uma música no teclado, de chegar da escola e almoçarmos juntos e até mesmo das nossas pequenas brigas e de fazer as pazes no mesmo dia.



Querido irmão, hoje sei que toda a nossa história não morreu, mas continua viva e bem viva dentro de mim. Posso te escutar, te ver e te sentir todas as vezes que penso em você e isto me dá forças para seguir em frente na minha vida.

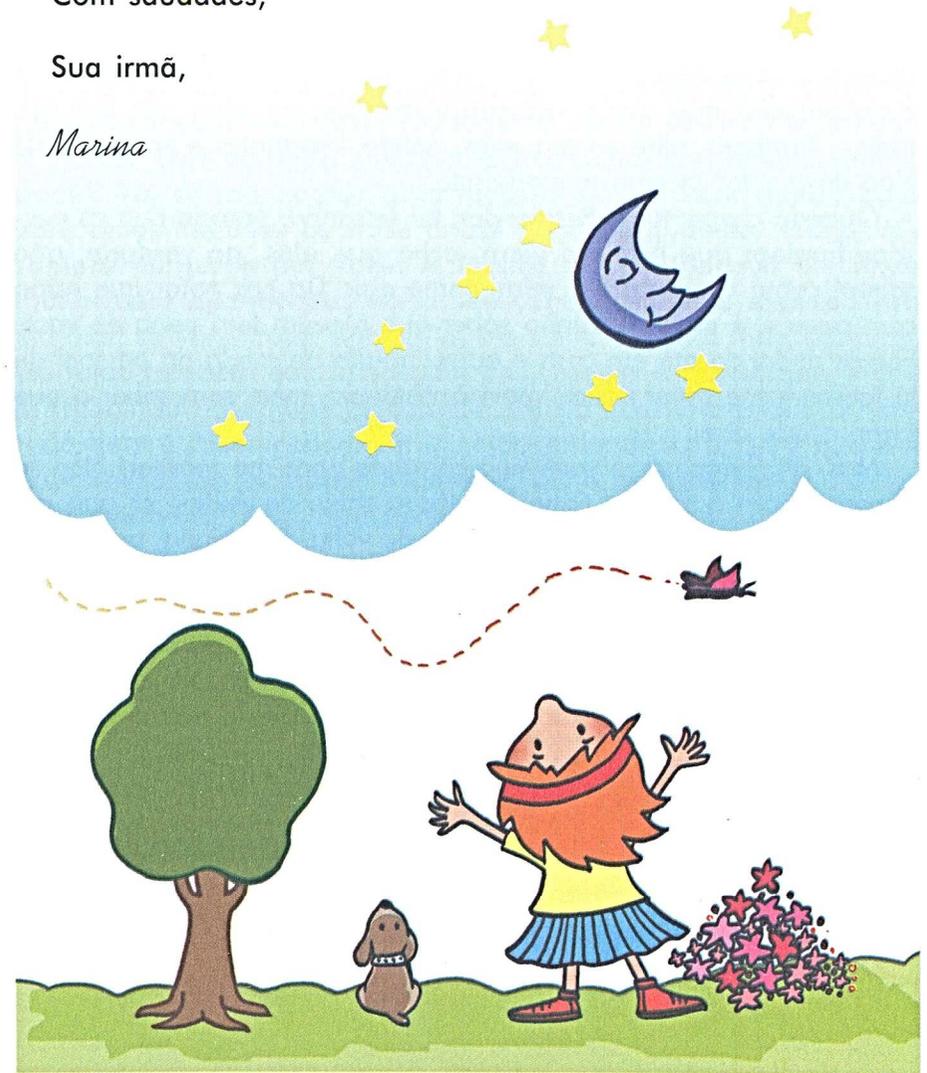
Muito obrigada pelos anos em que fomos companheiros!

Até o nosso próximo encontro,

Com saudades,

Sua irmã,

Marina



Bilu,

Acabei de sair do hospital e tô aqui na portaria esperando a Kombi que me leva com outras crianças para a casa de apoio. Nada mudou por aqui, acho que tô acostumando com essa rotina. Mas mudou muita coisa nesse primeiro fim-de-semana que eu passei em casa desde o início do tratamento, porque não foi como eu esperava.

Eu já estava muito tenso na viagem... como seria recebido? O motorista da prefeitura não tinha feito uma cara muito feliz pra mim e eu percebo que, cada vez que a mamãe me olha, ela fica tão triste... Também, olhe só pra mim, pálido, magrinho e careca, né?! Não devo estar mesmo muito bonito.

Quando chegamos a Resplendor, foi estranho, parecia que as pessoas fingiam que não me viam, acho que elas, na verdade, não sabem como chegar até a mim, como agir. Dá pra notar que estão com pena e é muito estranho saber que alguém tem pena de você. Fomos andando até em casa e eu morrendo de medo do pessoal de lá também me tratar assim, meio à distância, meio sem saber o que fazer, o que dizer.

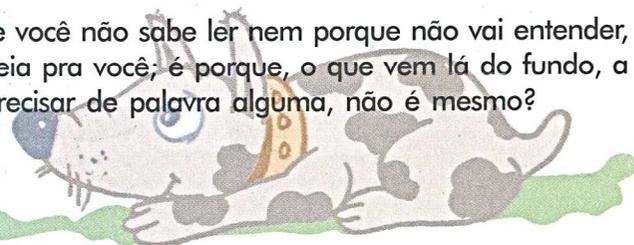
Mas, aí, chegamos e você veio correndo para me receber! Não se importou com o que eu tinha, não ficou cheio de dedos, só quis me mostrar como estava feliz por eu estar de volta. É, amigão, quando te vi ali, abanando o seu rabo e me enchendo de lambidas, a gente ignorando os xingos da mamãe, que só sabia falar que não podia, senti que tinha forças pra continuar nessa luta que parece que não tem fim. Até fui feliz hoje para a quimioterapia só pra ter a sensação de que o tempo vai passar mais rápido pra gente poder voltar a correr juntos, nadar no rio, brincar de bola...

Às vezes fico pensando que é uma bobagem ficar te escrevendo isso tudo...

Não, não é porque você não sabe ler nem porque não vai entender, mesmo que alguém leia pra você; é porque, o que vem lá do fundo, a gente entende sem precisar de palavra alguma, não é mesmo?

Do seu amigão,

Lu



Sara,

Como você está? Eu e as meninas ficamos sempre querendo saber como é a vida aí em Belo Horizonte. Dizem que as ruas são enormes e que tem carro pra todo lado. Quando você não está no Hospital, dá pra aproveitar alguma coisa? Tipo ir ao Shopping, ver os gatinhos, e tudo mais? Ah, lembra daquele médico bonitinho do PSF, o Dr. Guilherme? Pois é, nós ficamos sabendo que ele vai ficar mais um ano aqui na cidade. Ai, ele é tão sério, mas dá vontade de apertar ele todinho, né? A Jéssica até chegou a marcar uma consulta com ele só pra poder conversar sozinha, pode? Vê, se um doutor gato igual a ele vai ficar dando bola para umas meninas de treze anos? Bom, de qualquer forma, ele sempre pergunta por você. A Jéssica me contou que ele ficou muito triste quando descobriu seu câncer, mas ele explicou pra ela que, se você tratar direitinho, ele some e nunca mais aparece. Ele falou também que o Hospital das Clínicas é muito bom e que já trabalhou na equipe aí quando era do internato e que a vontade dele é fazer residência aí. Não entendi bem, será que ele quer morar no Hospital? Hummm, acho que até eu ia querer ficar internada! Bem, vou ficando por aqui. Estamos com muitas saudades e doidas pra pôr as fofocas em dia (ah, fiquei sabendo que o Carlinhos roubou um beijo da Bel e eles estão "meio" que ficando!!!!).

Beijos,

Silvia



Belo Horizonte, 28 de junho de 2008



Como você está? Estou feliz em saber que você está aí em casa com papai e Carina. Aqui na casa de apoio está tudo ótimo e a Tia Márcia está cuidando muito bem de mim. Pode ficar sossegada e só volte depois que descansar, viu?

Fiquei preocupado com você na última semana que passou aqui. A psicóloga daqui da casa falou que é normal a pessoa ficar um pouco estressada, e que muitas vezes a mãe sofre mais que o filho que está doente. Você estava tão nervosa e chorando tanto por causa da minha doença... Fiquei muito assustado, mas queria te dizer que nem precisa ficar assim, viu? Eu estou achando que vou ficar bem.

Sabia que eu nem estou me sentindo tão mal assim por causa do câncer. Às vezes você fica triste achando que eu estou sofrendo, mas na maioria das vezes eu estou ótimo, querendo brincar, e não estou sentindo nada. Só depois dos remédios é que eu fico meio enjoado e desanimado, mas é igual quando comi aquela torta estragada na casa do Tio Davi, lembra? E rapidinho eu sarei.

Mãe, sabe onde eu fui ontem? No consultório do Dr. Ronaldo. Ele falou que eu estou melhorando e que entre uma etapa e outra do tratamento eu vou poder ficar uns dias em casa. Aproveitei e perguntei pra ele aquele negócio de eu ter ficado doente porque não comia direito ou se foi porque você brigava muito comigo quando eu era novinho porque eu era encapetado. Sabe o que ele respondeu? Que o câncer não aparece por causa de nada de errado que a gente faz, e que não tem jeito de nenhuma mãe impedir o câncer do filho, que não tinha nada que você pudesse fazer pra evitar isso. Mas ele disse que agora eu tenho que comer direito para eu ficar mais forte e melhorar rápido. Mãe, prometo que a partir de hoje eu vou comer tudinho, viu? E quero que você também prometa que quando voltar, você vai ficar bem e vai ser a mãe mais corajosa do mundo pra me ajudar a sarar.

Um beijo pra todo mundo aí,



Belo Horizonte, 27 de março de 2008

Caminhos infinitos

Eu precisaria de uma vida inteira para entender o que de fato aconteceu naquele dia.

Sempre quis ser mãe e perder você assim, num dia em que marcaria para sempre a minha vida...

Lembra das fotos que tirei de você? Como explicar que momentos depois você estaria a caminho do hospital sem os sinais de vida?

Revelei estas fotos dias depois do seu sepultamento, você tinha acabado de ganhar aquela camisa da sua avó. Um dia desses, olhando a frase em inglês escrita nesta camisa, descobri que significava "Caminhos Infinitos".

Algumas vezes me pergunto porque não acompanhei você até ao hospital. Se eu tivesse te pedido pra ficar comigo, se te apertasse, abraçasse forte... Será que mudaria os fatos?

Me lembro dos seus últimos momentos, sua avó te pegando no colo e levando você para o hospital. Pedi a Deus: Salva meu filho!!! Mas uma voz me respondeu: __ Isso não vai ser possível, e então eu pedi __ Me dê forças para passar por isso.

Percebi a dor para me falarem o que eu não queria ouvir. Como ouvi do seu médico: __ "Não pude fazer nada, eu também tenho duas filhas, e faria tudo que pudesse para salvá-lo". Não sei falar da dor que senti e, mesmo assim, quis ver você, dar aquele abraço que eu não consegui quando você estava mal, ver se você ainda poderia me ouvir, mas você estava lá como um anjo, dormindo sem me responder... Como eu quis um último abraço, um sorriso, uma única palavra... Tenho certeza que acompanhou todo o resto daqueles momentos que seguiram, a dor de todos que conviveram com você.

Aliás, eu não tinha noção das pessoas que conquistou e que amavam tanto você!!! Não dava prá saber quem eram os parentes tamanha a comoção no seu velório. E eu continuava com a sensação de que levantaria e me diria: Voltei, isto é um pesadelo.

Mas você não acordou, e os dias foram passando e o mais difícil era voltar pra casa e não te encontrar. Era uma dor indescritível.

Os meses foram passando e Deus me presenteou com o Xande, seu irmão lindo!!! Uma pessoinha maravilhosa, meigo, preocupado, sensível. Logo depois veio o Dudu, uma peça rara!!! Autêntico despachado, corajoso, amoroso...Tenho a sensação de que eles conheceram você.

Uma vez eles viram um vídeo com suas fotos, e começaram a chorar.... ficaram muito emocionados e também não entenderam porque não poderia estar ali conosco.

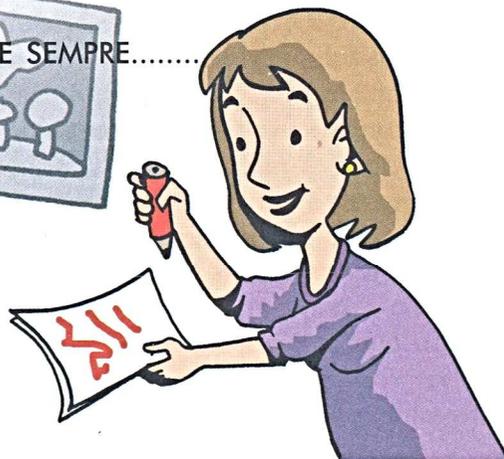
Ainda hoje não consigo dizer que tenho 2 filhos, sempre arrumo um jeito de falar de você, da nossa história...Porque adoraria sair com meus 3 filhos, saber como você está, se já estaria namorando, que profissão gostaria de ter, as discussões com seus irmãos, os sinais da aborrecência...

Mas quero agradecer por ter habitado meu ventre, ter feito parte da minha vida. Um anjo morou pertinho de mim e tive que devolver. A frase relata bem: "Caminhos infinitos" você teve que seguir sem mim.

Não me esqueço nunca de um sonho que tive com você logo depois que faleceu. Eu estava com tantas saudades, sentindo um vazio enorme e você me disse:

— "Mãe aqui todo mundo tem uma tarefa, eu também tive a minha, mas preciso te ajudar". Entendi que precisaria continuar caminhando, seguir minha vida, porque você era do mundo e o seu nascimento já tinha sido uma bênção na minha vida e não poderia continuar sendo egoísta te querendo só pra mim. Acredito que a partir daí consegui te libertar...

DE QUEM TE AMA HOJE E SEMPRE.....



11 de maio de 2008

BIBLIOTECA

Mamãe,

Aproveito a data do dia das mães para escrever esta carta em lugar de dar a você um cartão de loja. Já fazia um tempo que eu estava querendo te falar uma porção de coisas, mas como falar é muito difícil, resolvi te escrever, e como hoje é seu dia, acho que vou chegar mais perto do seu coração.

Primeiro eu gostaria de te agradecer por todo carinho e cuidado que você teve comigo desde o diagnóstico do meu câncer. Passamos por poucas e boas, não foi?! As idas constantes ao hospital, a espera dos resultados de exames, o tumor que ora diminuía e ora crescia de novo, os tufos de cabelos que apareciam no travesseiro... não foi nada fácil pra gente. Mas pelo menos isso serviu para nos unirmos, nos tornarmos mais amigas e, principalmente, para valorizarmos a vida e as pessoas que estão ao nosso lado. Aqueles choros, sentimento de culpa, medos... tudo parece tão irreal agora que passou, não é?

Outro dia estava escutando no rádio uma música que dizia "Nada do que foi será de novo do um jeito que já foi um dia, tudo muda o tempo todo no mundo" e fiquei pensando em como a vida é frágil e como alguns números num exame pode fazer nosso mundo acabar e, alguns anos depois, trazer esperança e alegria. E depois de viver sentimentos intensos como estes não tem como continuar sendo a mesma pessoa mesmo não, porque as descobertas que a gente faz sobre a vida são muitas.

Descobri que a felicidade é um momento, que as pessoas são anjos colocados na terra para nos ajudar a crescer e sermos pessoas melhores, que podemos ter esperança mesmo quando não temos mais nada e que sonhar pode ser a única forma de não enlouquecer e de não se render a doença. Aliás, foram inúmeros os sonhos que tive com momentos como este, livre do câncer, e que se tornaram realidade.

Agora não vou continuar simplesmente "vivendo" a minha vida. Quero aproveitar o máximo cada dia e fazer da minha vida uma oração de agradecimento

Obrigada por ter ficado ao meu lado o tempo todo,

Carol

Belo Horizonte, 29 de maio de 2008

Cris,

Já faz uma semana que eu e mamãe chegamos a Belo Horizonte para começar o tratamento. Eu estava com muito medo de tudo, da cidade, do tratamento, de não poder te ver mais. Olha, irmãzinha, queria te pedir desculpas pelo tanto que fui chato nesse últimos tempos. Acho que exagerei naquele dia em que taquei uma pedra no Guto enquanto ele te dava um beijo na pracinha, né? Sabe, Cris, o médico conversou muito comigo e com a mamãe e disse que eu tenho um negócio ruim no sangue; parece que ele fabrica muito uma célula branca chamada leucócito (já aprendi esse nome). Falou que eu tenho que fazer um tratamento que vai me deixar bem fraquinho porque ele tem que matar essas células ruins para o meu sangue ficar bom de novo. E que, nesse período, eu vou ter que ficar internado no Hospital e morando nesta Casa de Apoio aqui na cidade. Até que é legal, tem muitas outras crianças com problemas parecidos e a gente acaba conversando muito e aprende umas palavras novas, como leucemia, quimioterapia, tumor. Olha, não vou mentir pra você, tem hora que dá uma vontade danada de chorar porque a gente vê muita tristeza. O engraçado é que as crianças não me pareceram tão tristes quanto os médicos e os adultos que ficam com os outros meninos. Vai ver que o tratamento não dói tanto assim, não é mesmo? Olha, vou te mandando notícias. Peça desculpas pro Guto aí e fala que, quando eu voltar, quero ter uma "conversinha" com ele, viu?

Beijo,

Gu



Belo Horizonte, 01 de fevereiro de 2008

Querido Henrique,

Você era ainda um bebezinho e eu já acompanhava sua luta: os exames, o diagnóstico, a radioterapia e todas as complicações da doença... Algumas vezes, quando a nossa esperança já estava pequena, olhávamos para você e víamos aquele sorriso e o brilho dos seus olhos nos dizendo: "Não desista de mim, tia, sou muito forte". Você surpreendeu toda a equipe por sua vontade de viver! E valeu a pena! Você venceu bravamente todos os obstáculos que apareceram!

Quero desejar a você e a seus pais muita alegria, saúde e paz na sua volta para casa.

Você é uma lição de vida para todos nós!

Beijinhos da sua "tia",

Juliana



Médica, pediatra

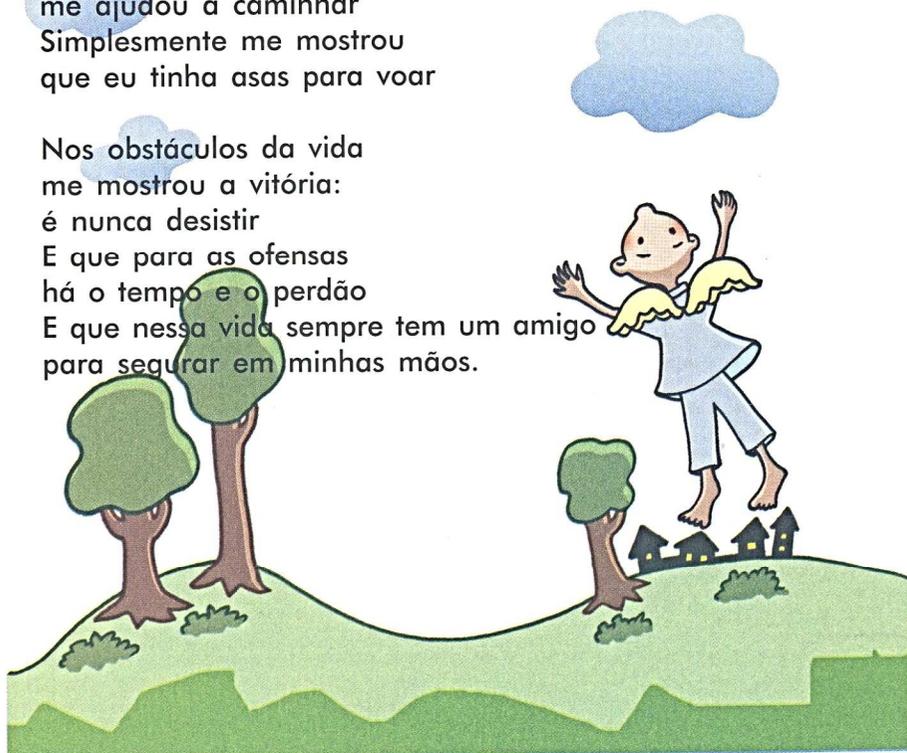
PARANDO DE CAMINHAR

Parando de caminhar
perdida no tempo
sem ter com quem conversar
vivia presa ao pensamento

Tinha minhas duas mãos
mas não tinha nada para segurar
Ficava na ilusão
querendo encontrar

Até que um dia
alguém me apareceu
Ela não sabia
mas era obra de Deus
Com suas mãos me segurou
me ajudou a caminhar
Simplesmente me mostrou
que eu tinha asas para voar

Nos obstáculos da vida
me mostrou a vitória:
é nunca desistir
E que para as ofensas
há o tempo e o perdão
E que nessa vida sempre tem um amigo
para segurar em minhas mãos.



Edmar Chagas da Silva - 17 anos. Casa de apoio Beatriz Ferraz

Belo Horizonte, 03 de setembro de 2007

CENTRO DE
RENÉ RACHOU
BIBLIOTECA

Aos que ficam e aos que estão chegando,

Estou indo. Mas antes de partir, queria dividir alguma coisa com vocês. Queria dizer que, apesar das dificuldades, cresci muito aqui na companhia de cada um. Minha história talvez seja muito parecida com a de vocês; talvez seja diferente por causa de um detalhe que, hoje, não representa mais nada: meu mundo era diferente do da maioria de vocês antes de eu ficar doente. Descobri que tinha leucemia viajando com minha família; meus pais vinham achando que eu estava triste e desanimado, por isso, resolveram fazer uma viagem de sonho comigo e com meu irmão, mas deu tudo errado. Meus pais brigavam o tempo todo, meu irmão só sabia reclamar de coisas que os amigos ganhavam e que ele ainda não tinha. Nossa! Como eram diferentes os nossos valores! Lá na praia, logo nos primeiros dias, eu passei muito mal e me levaram no médico que deu a notícia: eu estava, mesmo, muito doente. Meus pais resolveram voltar comigo para Belo Horizonte porque a gente não tinha condições de ficar lá. Chegando aqui, descobrimos que o lugar que oferece o melhor tratamento é um hospital público e, logo no início, achavam que era melhor eu conviver com vocês, meus amigos, que sofrem da mesma dor, das mesmas angústias e incertezas. Mas, foi convivendo com cada um de vocês que aprendi que o universo é muito maior de que joguinhos de video-games e mochilas de marcas legais. Aprendi umas coisas sobre as quais eu nunca tinha parado para pensar: que, para ser bom no futebol, não é só driblar bem, tem que saber correr em diagonal; que um caminhão tem mais de dezesseis marchas; que chupar laranja é muito mais gostoso de que tomar suco de caixinha; que um carrinho de rolimã que a gente mesmo constrói pode ser muito mais divertido do que um mini-buggy; que as meninas querem simplesmente carinho e respeito, e não se sentirem troféus nas mãos dos meninos quando lhes dão um beijo. Sabe, gente, quando penso nisso tudo, sinto que valeu. Vocês, com suas simplicidades e seus jeitos tão diferentes do meu de ver a vida me ensinaram muito mais do que eu poderia aprender em uma vida inteira naquele meu mundinho. Sinto que, graças a vocês, minha família está melhor, que as

pessoas estão gostando de ir lá em casa de novo, de conversar...

Acho legal ter só quatorze anos e descobrir o valor imensurável de uma amizade verdadeira como as que fiz por aqui. Aprendi que, não importa o que aconteça, as pessoas são para sempre, enquanto as coisas acabam ficando para trás. Às vezes, tenho muito medo do que me espera pela frente; sei que minha história mudou o meu rumo para sempre depois dessa doença horrível. Pensando bem, nem a chamaria de horrível, porque, foi graças a ela que conheci vocês e é graças a vocês que tiro coragem nem sei de onde para seguir em frente.

Fiquem com Deus,

Mateus



Montes Claros, 9 de setembro de 2007

Querida Vó,

Hoje eu tive a minha primeira sessão de quimioterapia e pensei no nosso encontro do domingo passado o tempo todo. Sabe, ir com você na catedral foi muito importante para mim. Eu sempre fui assim, meio atêta, você lembra das minhas idéias de ficção científica, sempre lendo tudo de ciência que caía em minhas mãos, desde pequena. Claro que ir com o Vô na biblioteca pública era um passeio pelo mundo e as conversas com ele me atraíam para os pensamentos agnósticos (palavra chique né, como ele gosta tanto de dizer que é). E como ele sempre fala, em compensação, você reza e tem fé pelos dois, ou melhor, por toda a família. Só que agora, diante do meu problema, em meus 16 anos, começo a abrir um lugar na minha cabeça para a fé, nada além dela pode me dar esperança.

Vejo a dificuldade da ciência diante da minha doença, os próprios médicos afirmam suas dúvidas. A medicina ainda tem muitos desafios e eu preciso acreditar em algo que me dê forças. Agora, já! Preciso muito, sabe vó! Eu sei que você mais do que ninguém sabe e reza com aquela energia que parece entrar na gente pelos seus olhos, pelas suas mãos. E pelas suas mãos entrei na igreja no domingo, vendo tudo como se fosse a primeira vez. Parecia escutar uma sinfonia ao passar pelas portas enormes, como se da rua eu tivesse adentrado uma outra dimensão. Os CDs de música clássica do Vô enchiam os meus ouvidos, e a luz do pôr-do-sol nos vitrais criando aqueles feixes coloridos, atravessando por sobre nossas cabeças, eram como fios de esperança. Lembra que apertei tanto a sua mão vó, e aprendi, enquanto repetia com você, as orações que antes nunca quis aprender. Mas olha, ver você ali do meu lado, nós duas sozinhas naquele templo enorme, de uma altura celestial, me dá uma sensação diferente aqui no hospital. Durante a sessão, eu me fixei na música preferida do Vô, acho que é a nona sinfonia, via seu rosto rezando, lembrei do clima da igreja e me senti bem, forte para enfrentar qualquer coisa. A mamãe até estranhou a minha paz, ela que só conhece o meu lado agitado, falante, sempre inquieta, curiosa e

mesmo rebelde. Sei que nunca fui uma criança fácil e uma adolescente ainda mais difícil. Mas, desde domingo tem algo diferente acontecendo dentro de mim. Há imagens, sons e idéias remexendo, provocando reviravoltas em meu pensamento e em meu coração.

E com tudo isso, veio essa vontade de escrever, tem até poesia brotando, qualquer dia vou te mandar um poema. Também quero ler muitos, pede ao vô para conseguir na biblioteca aquele livro de poemas que ele tanto queria recitar algumas vezes para mim. Acho que é "Os cem melhores poemas brasileiros do século" ou algo parecido. Ele aluga por um mês na biblioteca e manda junto com algumas orações vó, que eu vou rezar aqui para reforçar as suas orações, pois sei que você está rezando aí.

Com todo carinho, de sua neta do coração (que eu sei que sou),

Anna



P.S. Agora, da janela, vejo os galhos verdes de uma grande árvore, eles dançam no vento e eu me sinto em um filme, numa parte que passará rápido, para depois seguir um rumo comprido e cheio de personagens interessantes. Quem sabe escrevo um roteiro enquanto estou aqui e vou mandando para você, assim a gente fica ligada!

Alvinópolis, 2 de junho de 2008

Querida Júlia,

Quando você estava aqui na Casa de Apoio conversando com a gente foi muito legal. Você lembra que eu não terminei um desenho e acabei não contando a história toda para você sobre o que estava desenhando? Então, agora que eu estou de volta, em minha casa, mando para você o desenho e um resumo da história que de tão comprida não ia caber nem em um caderno. Mas eu encurtei bem e acho que você vai gostar. Sabe, você lembra que perguntou o que eu gostaria de ser? Acho que descobri isso na Casa de Apoio. Eu quero ser escritor, para a vida toda. Vê aí se eu levo jeito.

Olha, vai seguindo o desenho viu! Tá vendo a menina, ela está fantasiada de pierrô. Tem um lenço de cetim cor de rosa amarrado na cabeça, combinando com a camisa da mesma cor e uma grande gola branca plissada. A calça é de cetim amarelo com bolas vermelhas. Ela está dentro de um barco verde com remos alaranjados. Ela tem uma mala alaranjada dentro do barco e segura uma vara de pescar. Mas sabe o que ela pescou? Uma bota, a bota dela mesma que balança no ar. É uma bota de sete léguas que vai levar a menina com o barco e tudo pelo mundo afora. Ela fará viagens maravilhosas para encontrar crianças de muitos países e com eles vai escrever histórias que vão sendo emendadas até não caber em todos os cadernos do planeta. Sabe por quê? Por que se a gente está longe ou não está nesse mundo, a gente se encontra nas histórias. Até os peixinhos que eu desenei dentro da água, embaixo do barco, vão viajar com ela. E depois ela vai chegar numa casa linda, no alto de uma montanha. Quando ela chega lá, veja aí o desenho, não está mais com a roupa de pierrô, agora ela é uma bailarina e tem um cabelo comprido igual da Rapunzel. Em seu cabelo há flores e borboletas coloridas. E no terceiro e último desenho ela está dançando na ponta dos pés, junto com outras bailarinas e bailarinos, sabe onde? Em volta do planeta Terra, ela junto com todas as crianças que leram as histórias das viagens de quando ela era o pierrô e agora fazem um círculo gigante. Onde eles dançam nascem ár-

Sugestões de atividades

Adriana Mohr¹

No difícil período do tratamento conversar, escutar, permitir a expressão e responder as dúvidas das crianças e jovens são ações importantíssimas e deveriam fazer parte da rotina dos profissionais de saúde e da educação envolvidos.

Partindo deste pressuposto sugerimos a utilização deste livro como motivador de diálogos e reflexões. As atividades sugeridas abaixo são algumas das numerosas possibilidades que este livro pode gerar dependendo do contexto de sua utilização e leitura.

Elas podem ser desenvolvidas nos grupos de estudo e capacitação de profissionais de saúde em hospitais e casas de apoio, por educadores nas classes hospitalares e por professores e colegas da criança ou jovem distante de sua escola para o tratamento.

Sugestão de atividades a partir da leitura do livro para CRIANÇAS E JOVENS EM TRATAMENTO

— Qual destas cartas você gostou mais? Por que? O que mais você escreveria nela?

— Agora imagine que esta carta é destinada a você. O que você escreveria em resposta?

— Você já escreveu uma carta? Escreva uma para alguém com quem você gosta de conversar muito.

— Você já fez um diário? Um diário é um caderno onde, a cada dia, anotamos acontecimentos, o que fazemos, o que sentimos, entre outras coisas. O diário é um escrito pessoal e geralmente só o autor do diário lê o que está escrito nele, a não ser que o autor deixe outra pessoa ler. O que você acha de começar um diário?

Sugestão de atividades a partir da leitura do livro para PROFESSORES E COLEGAS DE ESCOLA

— Vamos escrever uma carta para a colega que está longe por causa da doença? Vocês podem fazer uma carta coletiva (onde todos escrevem um pouco) ou podem fazer várias cartas (cada um escrevendo uma) e colocando todas no mesmo envelope.

— E quem sabe, além da carta, fazer desenhos também?

— Vamos fazer um diário das atividades que estamos realizando na es-

cola para poder contar ao colega?

— Vamos contar para ele ou ela o que estamos aprendendo cada dia? Quem sabe assim, sabendo o que vocês estão estudando o/a colega possa acompanhar os estudos mesmo fisicamente longe da turma?

Sugestão de atividades a partir da leitura do livro para PROFISSIONAIS DE SAÚDE

— a partir da escolha de uma das cartas, listar ações e atitudes que você possa adotar em seu cotidiano profissional para ajudar o autor da carta a superar/melhorar a qualidade de vida neste período.

— Imagine-se no lugar do autor da carta. O que você gostaria de perguntar ao profissional de saúde que o atende? Como gostaria que ele lhe respondesse?

ESTUDOS E SITES DE INTERESSE

Resolução nº 41 de Outubro de 1995 (DOU 17/10/95). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados: <http://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>

Grupo de Estudos e Pesquisas Processos de Escolarização em Ambientes Hospitalares: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0043708ZT2AJV4>

Setor de Pedagogia do Hospital Infantil Joana de Gusmão: <http://www.saude.sc.gov.br/hijg/pedagogia/principal.htm>

Câncer infantil: o viver, o sentir e o tratar. Dissertação de Mestrado de Júlia Dias Santana Malta. Programa de Pós-Graduação em Educação em Saúde, Instituto de Pesquisa René Rachou- FIOCRUZ (contato: juliadias@cpqrr.fiocruz.br)

Ensino-aprendizagem de matemática em classe hospitalar: uma análise da relação didática a partir da noção de contrato didático Dissertação de Mestrado de Joceli A. A. Foggiatto. Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina. 2006. disponível em: <http://www.ppge.ufsc.br/dis/28/Dissert.pdf>

O ensino de ciências na classe hospitalar: um estudo de caso no Hospital Infantil Joana de Gusmão, Florianópolis/SC. Dissertação de Mestrado de Caroline Zabenzala Linheira. Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina. 2006. disponível em: <http://www.ppge.ufsc.br/dis/41/dissertacao.pdf>

Classe hospitalar e escola regular: tecendo encontros. Dissertação de Mestrado de Maristela Silva Darela. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. 2007. disponível em: <http://www.ppge.ufsc.br/>

Aprendizados adquiridos no hospital : análise para um ensino de ciênci-

as na classe hospitalar. Dissertação de Mestrado de Débora dos Santos. Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina. 2008. disponível em: <http://www.ppgect.ufsc.br/disse.htm>

Apoio à Criança com Câncer - Natal/RN: <http://www.gaccrn.org.br/index.php>

Associação de Apoio a Criança com Câncer: <http://www.aacc.org.br/>

Casa de Apoio à Criança com Câncer Santa Teresa – Rio de Janeiro/RJ: <http://www.cacst.org.br/home.asp>

Casa Durval Paiva de Apoio a Criança com Câncer – Natal/RN: <http://www.aacc.org.br/>

Centro de Estudos sobre Recreação, Escolarização e Lazer em Enfermarias Pediátricas: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/>

Grupo de Apoio a Criança com Câncer - Bahia: <http://www.gaccbahia.org.br/>

Grupo de Apoio à Criança com Câncer - Ribeirão Preto/SP: <http://www.eerp.usp.br/gacc/>

Grupo de Apoio a Criança com Câncer - Sergipe: <http://gacc-se.org.br/>

Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer: www.graacc.org.br

Grupo de Assistência à Criança com Câncer – São José dos Campos/SP: <http://www.gaccrn.org.br/index.php>

Hope: apoio à criança com câncer: <http://www.hope.org.br/site/default.asp>

Núcleo de Apoio à Criança com Câncer – Recife/PE: <http://www.nacc.org.br/home/index.shtml>



¹ Adriana Mohr é licenciada em Ciências Biológicas pela UFRJ, mestre em Educação pelo IESAE/FGV (1994) e doutora em Educação: ensino de Ciências Naturais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002) com doutorado-sanduíche na Université de Rouen e no Institut National de Recherche Pédagogique, França (1997-1998). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua experiência na área de Educação inclui pesquisas e orientação de alunos de pós-graduação na classe hospitalar.

Instituto René Rachou IRR Biblioteca do IRR

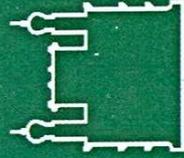
Ficha de Empréstimo

DIAS, Júlia; MODENA, Celina; SHALL, Virginia. **Cartas de quem passou por aqui.** Belo Horizonte: CPqRR, 2008. 28 p. Brochura, il., 18 cm. ISBN 978-85-99016-07-7. 618 D541c 2008 Ex. 01

Devolução

Leitor/Fone

Assinatura



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisas René Rachou



CPqRR / FIOCRUZ

FAPEMIG

Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado de Minas Gerais

PPSUS

Do início ao fim, através de palavras sinceras escritas com delicadeza, afeto e emoção, esta obra nos contagia pela beleza e simplicidade. Apesar de todo o sofrimento que cerca o ambiente do adoecer, as cartas nos convidam a momentos de reflexão. Uma reflexão de conteúdo ímpar, já que se apresenta numa imensa vontade de compreender mais, de colaborar, criar e buscar sempre o melhor para a vida daquele que adoece, no intuito de amenizar suas dores e aflições.

Acredito que esta leitura nos proporciona um outro olhar diante da vida, revelando o quanto pode ser especial, trabalhar, conhecer, conviver, participar e principalmente aprender neste universo de dificuldades. Um aprendizado que te desafia a todo instante e que te traz muito mais do que imagina!!

É gratificante pensar na possibilidade que o trabalho possui. A transformação do pesado em leve, do real em fantasia e criatividade, e do desconforto em conforto.

Parabenizo a toda equipe que contribuiu para a concretização deste projeto e que ele seja instrumento para muitas conquistas.

Com admiração
Andréa Gazzinelli



ISBN 978-85-99016-07-7

Andréa Pereira Gazzinelli - Psicóloga Hospitalar do Instituto Mário Penna com atuação no Hospital Mário Penna e Casa de Apoio Beatriz Ferraz. Psicóloga Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Curso de Formação "Psicanálise e Hospital" pelo Hospital Mater Dei. Pós-graduada em Psicologia Médica e Psicossomática pela UFMG. Pós-graduada em Psico-oncologia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Certificação de Distinção de Conhecimento em Psico-oncologia pela SBPO - Sociedade Brasileira de Psico-oncologia.